

EDEN O'NEILL

SIA



NO SUBMUNDO
DA MÁFIA, AMAR
É O ERRO MAIS
PERIGOSO DE TODOS

EDEN O'NEILL

SIA

NO SUBMUNDO
DA MÁFIA, AMAR
É O ERRO MAIS
PERIGOSO DE TODOS

Tradução
Dandara Morena



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Eden O'Neill, 2025
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2026
Copyright de tradução © Dandara Morena, 2026
Todos os direitos reservados.
Título original: *SIA: Dark City Royals Book 1*

Preparação: Bruna Del Valle
Revisão: Luana Negraes e Thiago Bio
Projeto gráfico e diagramação: Márcia Matos
Capa: Sandra Fava
Ilustração de capa: Magnific

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

O'Neill, Eden

SIA : no submundo da máfia, amar é o erro mais perigoso de todos /
Eden O'Neill ; tradução de Dandara Morena. – São Paulo : Planeta do
Brasil, 2026.

336 p.

ISBN 978-85-422-4391-8

Título original: *SIA: Dark City Royals Book 1*

1. Ficção norte-americana 2. Ficção erótica I. Título II. Morena,
Dandara

26-3306

CDD 813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção norte-americana

Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo,
e outras fontes controladas

2026

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Av. Paulista, 854, 2º andar – Bela Vista
São Paulo – SP – CEP 01310-913

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

**Acreditamos
nos livros**

Este livro foi composto em Book
Antiqua e impresso pela Lis Gráfica
para a Editora Planeta do Brasil em
setembro de 2026.

PREÇO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Sia

GRITOS ESTRIDENTES ECOARAM PELA RUA, E LEVANTEI A CABEÇA.

Meu Deus.

O Jeep branco sacolejou, os braços da ocupante se agitando ali dentro como uma onda. Minha amiga Lettie nunca contou o que estaria dirigindo, mas não fiquei surpresa por ser literalmente o carro de *As Patricinhas de Beverly Hills*.

Lettie...

Tentei não me retrair quando ela o estacionou na frente de um verdadeiro centro de reintegração social – meu centro de reintegração. A maioria das garotas estava do lado de dentro, mas não era com elas que eu estava preocupada.

Os garotos que moravam no centro do outro lado da rua olharam com malícia na direção de Lettie, e, quando a loira pernuda usando short de cintura alta e um sutiã como top saiu do carro, os olhares se tornaram ferozes.

– Ei! – Levantei do degrau em que estivera esperando. – Não olhem pra ela!

Eles sorriram com presunção na minha direção, mandando beijos, e lhes mostrei o dedo do meio. Enquanto isso, Odette Petrov, ou Lettie, estava alheia a tudo, muito ocupada me abraçando.

– Ah! Olha só pra você! Que *gata* – cantarolou, me elogiando, e dei um sorriso afetado.

Eu estava vestindo um short rasgado e camisa de flanela de manga comprida, e tinha tirado tudo da caixa de doações.

Alguém roubou minhas coisas.

Esse tipo de merda fazia parte. Eu tinha sorte de ter ficado com o resto das minhas coisas, que consistia em uma calça jeans e algumas regatas e calcinhas. E pretendia substituir tudo isso quando recebesse o primeiro pagamento do novo emprego.

— Valeu — respondi, aceitando o elogio.

Na verdade, fiz isso porque queria que déssemos o fora dali. Tinha passado noventa dias naquela espelunca e estava cansada de me sentir como uma drogada viciada.

Você é uma drogada viciada.

Não esquecia daquela realidade enquanto empurrava minha amiga de volta para o Jeep. Tentei segurar minhas coisas no colo, mas Lettie insistiu em colocar tudo no banco de trás.

Era difícil me acostumar com essa parada. Com as pessoas querendo me ajudar em vez de tirar as coisas de mim. Tentei dizer para mim mesma que era porque tinha passado três meses num centro de reintegração.

— Puta merda, nem acredito que você está aqui, mulher. — Depois que entrou, Lettie beijou minha bochecha. Outra coisa estranha: ela era do tipo melosa, e eu, não. Então segurou meu rosto. — Como você está? Te trataram direito?

— Bem — respondi. E ficaria melhor se ela sáísse com aquele carro do quarteirão antes que atraíssemos mais atenção.

Eu insisti que o fizesse, totalmente ciente de que os caras do outro lado da rua estavam de pé no momento. Antes que comessem a ter ideias, fiz Lettie andar com o carro espalhafatoso e enfim relaxei quando ela nos tirou da rua e pegou a rodovia.

— Mas sério. Você tá bem? Bom, tirando o óbvio — disse minha amiga, literalmente colocando um baseado na boca na minha frente. Lettie sabia dos detalhes dos meus últimos meses, mas a garota era mesmo um pouco desligada. Ela o tirou da boca. — Ah, merda. Posso fazer isso na sua frente?

Eu ri e fiz um gesto de pouco caso com a mão. É claro que maconha não era algo permitido na reabilitação, mas não diria não à minha amiga. Ela estava me fazendo um baita favor.

— Não tem problema.

— Tem certeza, mana?

Eu tinha, mas ela provavelmente não deveria fazer aquilo. Dei um meio-sorriso para ela.

— Bailarinas podem fumar?

— De jeito nenhum. — Ela riu. — Por que acha que estou fazendo isso? Estou tentando aproveitar o máximo que posso antes de ir para a faculdade.

Eu tinha ficado sabendo recentemente do treinamento de dança e da faculdade. Lettie tecnicamente era uma amiga recente, mas sabia que ela ia para uma faculdade de dança chique na cidade de Nova York em breve. Isso resultaria num quarto vago na casa dela, e já que eu precisava de um lugar para ficar...

Na verdade, não tinha pedido ajuda a ela. Ela ofereceu depois que soube da minha situação. Se não desse um jeito na minha vida, continuasse sóbria e conseguisse um emprego de verdade e um lugar para ficar, eu iria para a prisão.

E ponto-final.

A juíza tinha sido bem rígida naquele dia, considerando que eu não me metia em encrenca fazia um tempo.

Arregacei as mangas.

— Tem certeza de que seu pai está tranquilo com a minha estadia? — Engoli em seco. — E quanto ao emprego?

Lettie estava me ajudando com as duas coisas. Ao que parecia, o pai dela era meio viciado em trabalho ou algo assim. Ele não ficava muito por perto, mas com certeza deveria se preocupar mais por ter uma dependente química morando sob seu teto.

Fiquei surpresa quando Lettie disse que ele não ligava. Também disse que ele não se importava com o emprego aleatório que ela estava arranjando em nome dele. Ao que tudo indicava, por estar indo embora para a faculdade, ela achava que arrumar um cachorro para o pai era uma boa ideia. Ele era pai solteiro, e acho que a Lettie vinha cuidando dele a vida toda. Bem, pelo menos no sentido social da coisa.

É claro que Lettie estava sendo muito bem cuidada financeiramente. Só assim seria possível comprar aquele carro e a bolsa que ela tinha no painel.

Enfim, o cachorro era para o pai, e acho que eu era para o cachorro. Ela sabia que eu tinha alguma experiência no cuidado com animais.

Eu me remexi no assento.

— Porque, se ele tiver mudado de ideia...

— Por que mudaria de ideia?

— Sei lá. Porque bati num policial, além de ter uma acusação relacionada a drogas.

Não foi um dos meus melhores momentos, e sem dúvida não era algo que planejava repetir.

Mas quem é que planeja coisas assim?

Com meu silêncio, Lettie virou os olhos azuis rapidamente na minha direção. Então apagou o cigarro.

— É, e foi, tipo, coisa de uma vez na vida.

— Como sabe disso?

— Porque você me falou, e confio em você.

Ela provavelmente não deveria. Digo, éramos amigas, mas meio que mal nos conhecíamos. Também tinha o detalhe das circunstâncias em que nos conhecemos e nos tornamos amigas, o que *com certeza* deveria desencorajar seu pai.

Eu não estava tentando olhar os dentes do cavalo dado, mas tinha cometido alguns erros e era meio que incomum estar recebendo sequer uma oportunidade de alguém que não tinha conhecido ainda.

— Eu advoguei por você — continuou Lettie. Ela jogou o baseado pela janela. — Você me disse que foi uma vez pra nunca mais, e acabou literalmente de passar um tempo na reabilitação por causa das drogas. — Ela me fitou. — O que, de acordo com você, também só rolou uma vez.

Bem, tomara que sim. Só que até os melhores planos falham e tal.

— Você me contou algo, e eu acredito em você. — Ela confirmou com a cabeça. — Além disso, meu pai confia completamente em mim. Então, se pra mim você é boa, também é boa pra ele.

Era legal ela ter aquilo, alguém que se importava, alguém em quem confiar de olhos fechados — e que confiava nela também.

— Bom, se você tem certeza...

— Eu tenho, e meu pai é legal. Na verdade, ele achou meio engraçado você ter batido num policial.

Recuei no assento.

— Engraçado?

— Bem, não *engraçado*, mas contei que você era meio que do meu tamanho, então, é, ele deu umas risadas.

Ela estava sendo um tanto generosa. Podíamos ter a mesma altura, mas Lettie tinha o corpo esguio e a definição muscular de uma bailarina, exatamente o estilo de dança que soube que ela praticava. Mesmo que não tivesse me contado, eu saberia. A garota era magra igual a um graveto, e também parecia conseguir esmagar um pedaço de madeira com as coxas. Até com as panturrilhas, por sinal.

Ela deu risada de novo.

— Aliás, diria até que isso te fez cair mais nas graças dele. Meu pai não é fã de policiais e com certeza não está em posição de julgar o histórico jurídico de ninguém. É um homem de negócios, só que nem sempre age dentro da lei.

— Como assim?

— Quem dera eu pudesse dizer, mas muita coisa do que ele faz é informação confidencial, ou seja, ele nem me conta muito.

— Você faz parecer que ele é da máfia.

Ela virou os olhos para a estrada e, antes que eu pudesse questionar mais, saímos da rodovia e entramos no trânsito.

O ambiente de fato mudou, ou seja, os veículos. Havia Mercedes e Audis por todo lado. Bentleys. De repente, me senti num comercial de carro. Os carrões seguiram em frente enquanto desviamos para um bairro com algumas das maiores casas que eu já tinha visto.

Para ser sincera, não sabia que casas assim existiam na porcaria de cidade que chamei de lar a vida toda. Eu com certeza não morava naquela região. As áreas em que havia morado eram decadentes ou com as janelas e portas lacradas com tábuas.

Uau.

Portões abriam para o Jeep de Lettie, portões de verdade. Virei e vi um funcionário acenando para nós do lado de fora de uma pequena guarita. Ele disse para Lettie ter um bom dia.

E a chamou de srta. Petrov.

Dei uma olhada ao redor e um mar de árvores estava diante de nós. Era como se estivéssemos nas terras de um conto de fadas. Tudo era verde e exuberante. Passamos por dentro do bosque até o mundo se abrir de repente para uma enorme casa de tijolos.

Uau de novo.

O lugar parecia um castelo: tradicional, com hera e uma vegetação exuberante correndo pela lateral. Também havia pessoas por toda parte. Cortavam a grama e aparavam os arbustos. A área era gigantesca e com certeza era preciso bastante gente para conservar tudo.

— Lar, doce lar — cantarolou Lettie e, embora eu presumisse que ali fosse onde ela morava, meu queixo caiu. Ela me encarou.

— O que acha?

Acho que me sentia como uma pobre coitada com a roupa esfarrapada e o saco militar no banco de trás. Eu o tinha pegado na caixa de doação também.

— Lettie, que loucura. — Dei uma meia-volta completa no assento. Tinham até uma droga de fonte! — Você não me contou que era rica tipo uma princesa.

Bem, eu poderia presumir pelo jeito como ela sempre se comportava e pelo carro caro, mas aquilo era nível de riqueza digno de um Duque de Cambridge.

Lettie riu.

— O dinheiro é do meu pai, não meu.

Outra coisa que gente rica dizia. Ergui os olhos e Lettie nos levou para um hangar de aeroporto, não uma garagem. O espaço era de fato uma fábrica de carros, a maioria modelos esportivos de um preto profundo e bonito. O Jeep branco de Lettie com certeza se destacava e, quando entramos, alguém realmente pegou o carro de nós e cuidou de guiá-lo pelo restante do caminho para estacionar.

— Vem. Vou mostrar o lugar pra você — disse Lettie, alegre.

Ela entrelaçou o braço no meu na hora, porque era mesmo do tipo melosa. Acho que nunca me acostumaria com aquilo, mas dei, sim, um sorriso quando me puxou para perto e apontou para áreas da propriedade à medida que saíamos. Tinha um cara atrás de nós carregando meu saco e a bolsa dela.

De novo: rica como uma princesa.

Antes de entrarmos, ela apontou para a área geral onde ficavam a piscina e as quadras de tênis e de basquete. Tinham até uma pequena vinícola mais acima na propriedade.

— Meu pai gosta de fazer os vinhos dele em casa — comentou, me fundindo a ela àquela altura.

Sendo sincera, eu gostava de como ela era aberta em relação à sua personalidade e ao seu otimismo geral. Estava claro que nunca tinha sido aborrecida por nada na vida, e tentei não me ressentir por isso. Seria legal ser confiante, aberta.

Perdi a noção de todos os cômodos para os quais ela apontou a caminho do seu quarto. Me mostrou a cozinha e alguns banheiros, mas nunca me lembraria de tudo aquilo na hora que precisasse.

— E este é meu quarto.

Ela abriu a porta do seu palácio de princesa. O lugar era todo branco, desde as cortinas de chiffon até a cama de dossel. As cortinas da cama estavam amarradas, e a garota tinha tantos

travesseiros no colchão que uma pessoa poderia se afogar naquele mar com facilidade.

— Sophia vai preparar a cama pra você toda noite — avisou Lettie, percebendo que eu estava olhando todos aqueles travesseiros. Ela riu. — Tem um cesto pra isso tudo. Os travesseiros, no caso.

Vi isso também, e já tinha conhecido Sophia. Na verdade, ela havia pegado as bolsas com o cara que nos seguiu enquanto dávamos uma volta na casa. Era a governanta, e eu devia procurá-la se precisasse de alguma coisa.

Aproximando-se por trás de nós num vestido preto, Sophia pegou minhas coisas e as de Lettie e desapareceu no que presumi ser o closet. Encarei Lettie.

— É aqui que vou ficar?

— Uhum. Pode manter as coisas quentinhas pra mim. — Lettie se sentou na cama, mas franziu a testa ao observar meu rosto. — Qual o problema?

— Hum, nada. É só coisa demais. — Apontei para a porta. — Não gostaria que eu ficasse em um dos quartos de hóspedes?

Com certeza havia, tipo, um milhão deles naquela casa.

Lettie levantou revirando os olhos e pegou minha mão.

— Meu espaço é seu espaço e, como falei, pode deixar minhas coisas quentinhas até eu voltar.

Mas ela precisaria do quarto nos recessos escolares e tal, e quando eu disse isso ela me dispensou com um movimento de mão.

— Vamos dar um jeito — respondeu, sorrindo. — E aí, gostou?

Ela me perguntou como se fosse possível *não* gostar.

— Meio que parece um sonho.

Não tinha nada de “meio”. Aquele lugar *era* um sonho, e movi o olhar lentamente para o lado de fora quando Lettie virou para conversar com Sophia sobre algo. Havia bastante gente lá cuidando da propriedade, e a vinícola da qual Lettie tinha falado se estendia por muitas fileiras, bem além da área que eu conseguia enxergar.

Era incrível mesmo, de verdade. Cruzei os braços. Nunca tinha visto uma vinícola, mas minha atenção se desviou quando notei um homem no celular um andar abaixo. Ele estava de frente para a vinícola, mas o vi quando se virou.

As mangas estavam arregaçadas, os braços grossos eram tatuados até os nós dos dedos. Literalmente, o homem tinha

tatuagens que desciam até a extensão dos dedos, e o cabelo era preto como piche. Ele passou os dedos tatuados pelo cabelo. Vestia uma calça bem-modelada e uma camisa branquíssima. A camisa delineava o corpo musculoso e contrastava fortemente com todas aquelas tatuagens.

E o cabelo bagunçado.

O cabelo desarrumado caía de um jeito interessante sobre os óculos de sol pretos, e pisquei quando Lettie esbarrou no meu ombro.

— Quem é aquele cara ali? — perguntei, de forma casual.

Por algum motivo, Lettie riu.

— Ai, meu Deus, você também não — respondeu ela, meio se encolhendo, e quando viu que não entendi revirou os olhos. Fitou o exterior. — Aquele é meu pai.

O pai dela...

Pisquei de novo, confusa.

— *Aquele é seu pai?*

Meu queixo estava basicamente no chão àquela altura, e Lettie revirou os olhos de novo.

— Sim, é meu pai. E, por favor, me poupe de qualquer pensamento que tenha de ele ser um coroa ou um pai gato. — Ela parou, praticamente estremecendo na minha frente. — Ou um pai gostoso. Literalmente ouço tudo isso desde os treze anos de qualquer amiga que trago pra casa.

Ela saiu do meu lado, mas não a acompanhei.

— Mas ele é, tipo, jovem.

Ele era jovem mesmo. Pelo menos, tinha aparência de jovem. Não parecia tão jovem quanto eu e ela, mas não podia ter mais que trinta anos.

— Tem trinta e seis anos. — Lettie estava na cama e sem dúvida queria encerrar aquela conversa. Ela inclinou a cabeça. — Ele me teve quando tinha dezoito anos, o que me deixa louca, porque não consigo imaginar ter um filho na minha idade.

Bem, nem eu. Eu era dois anos mais velha que ela, com vinte anos, mas ainda não conseguia imaginar.

Olhei para fora. Ele tinha saído do celular naquele segundo e estava gritando com alguém. Bem, não estava gritando, mas estava dando ordens com ênfase a alguém com um monte de uvas nas mãos. O pai dela estava com as mãos pousadas no quadril

enquanto falava e, embora o cara conversando com ele não parecesse intimidado, eu ficaria. O pai dela era enorme.

E aquelas tatuagens todas...

Lettie chutou meu pé.

— Pode limpar a baba da cara porque vou acabar vomitando mesmo. Revirei os olhos.

— Não estou babando. É só que você não parece com ele, e ele é novo.

Subi mais as mangas da camisa, abraçando a mim mesma. Ela estava desconfortável com a conversa, mas eu também. Aquele era o pai dela.

Saí da janela, me distanciando, e Lettie sorriu.

— Já ouvi que pareço mais com a minha mãe. Não que eu saiba, já que ela é uma pilantra. — Lettie deu de ombros. — De acordo com meu pai, ela me deixou na porta dele. Alguma stripper com quem ele saiu.

Fiquei pálida por ela ter dito aquilo com tanta casualidade.

— Que merda.

— Não é tão ruim. Não preciso dela, e meu pai com certeza também não. — Ela se deitou. — Sempre fomos só nós dois, estamos tranquilos assim.

Pareciam mesmo, mas o que eu não daria para ter uma família? Não tinha ninguém.

— No carro, você comentou que seu pai não trabalha exatamente dentro da lei — declarei, lembrando da conversa, e ela se sentou. Mordisquei o lábio. — É só que ainda sou ré primária e não posso estragar isso.

Minha próxima parada seria a prisão se alguém de farda ouvisse até um sussurro sobre eu ter me metido em encrenca.

E, a julgar pela aparência do pai de Lettie...

Eu estava questionando seriamente a coisa da máfia àquela altura, e ver a vida que os dois tinham com certeza me deu umas... ideias. Claro que não podia julgar, e não julgaria se fosse o caso, porém simplesmente não podia me envolver com nada que pudessem atrair os tiras.

Lettie levantou.

— Estou sendo honesta quando digo que não sei tudo o que ele faz. Ele me mantém bem protegida de tudo. — Ela realmente

passava essa impressão, e quando mencionei isso ela me deu uma ombrada. — É sério. Não sei muita coisa. Mas o que sei não tenho muita permissão de falar.

É, com certeza havia algo suspeito ali.

— Não posso me meter em encrenca, Lettie. Esse é todo o objetivo disto.

Um lugar permanente para morar, um emprego e nada de atividades criminais. A juíza foi bem clara nas regras, e contei isso para Lettie.

Ela sorriu.

— Acredite em mim quando digo que aqui é o último lugar em que vai encontrar encrenca. Na verdade, eu que trouxe mais delas ao longo dos anos.

Ri quando pensei em como nos conhecemos. Ela estava fazendo um turno de serviço comunitário por acertar um policial... com o carro. Ela não atingiu o homem em si, mas a patrulha. Eu estava fazendo meu próprio turno de serviço comunitário, mas por outras razões.

Mais uma vez, eu estava na corda bamba.

Passei os dedos por alguns dos meus cachos, e ela agarrou minha mão.

— Você está bem aqui, Sia — declarou ela. — Não vai encontrar encrenca nenhuma e estaria me fazendo um favor ficando aqui e trabalhando para meu pai. Ele age como se não fosse nada de mais eu partir amanhã. Mas só tem sido nós dois há muito tempo. Me preocupo com ele.

Daí a necessidade do cachorro. Suspirei.

— Você estaria me fazendo um favor também.

— Então vai fazer isso? Vai ficar? — Os olhos dela se iluminaram. — Por favor, por favorzinho?

Dei risada.

— Cadê o filhote?

— Ah! Você é a melhor!

Ela me agarrou, apertando. A garota não tinha mesmo nenhum limite, mas algo nela fazia com que não me importasse tanto. Pelo menos, não teria que me preocupar com isso em relação ao pai. O homem parecia intenso.

Devolvi o abraço de Lettie de verdade. Também sentiria saudade dela.

Era minha única amiga.



Ele é conhecido por ser
o algoz da organização
criminosa mais perigosa de
Chicago... Só que também é o
pai da minha melhor amiga.

Meu nome é Sia Reynolds. Sou uma garota com um passado perturbador, e o futuro à minha frente parece ainda mais sombrio. Preciso de um emprego para colocar minha vida de volta nos trilhos. Então, quando minha melhor e única amiga, **Lettie**, sugere que eu trabalhe para ajudar o pai dela, um homem difícil e intimidador, não tenho muitas opções além de aceitar. O que eu não imaginava era que essa decisão me arrastaria para uma vida repleta de segredos e sangue. Muito menos que, de alguma forma, eu acabaria gostando disso.

Meu nome é Maxim Petrov, e meu pai é o chefe da Bratva de Chicago. Tenho trinta e seis anos e não consigo parar de pensar na jovem que agora trabalha na minha casa.

Sia Reynolds ficaria deslumbrante envolta nos meus lençóis. Mas ela é amiga da minha filha e tem quase metade da minha idade. Uma combinação que deveria bastar para mantê-la fora dos meus pensamentos. Pena que não adianta. Porque, quanto mais tempo passo perto dela, mais difícil se torna resistir. E começo a suspeitar que nenhum de nós dois sairá ileso quando essa tensão finalmente chegar ao limite.

CONTEÚDO ADULTO

 essência



9 788542 243918

